

## **FAZ PARTE DA VIDA**

**Por Sergio Meresman**

*(Ficha técnica no final)*

---

---

Por que a educação sexual é importante?

O que deve ser discutido na família e quando devemos começar?

Como e até que ponto a sexualidade de uma criança com deficiência pode ser desenvolvida?

Como lidar com situações desconfortáveis e ensinar a cuidar da privacidade e ter respeito?

Material de apoio em educação sexual integral e deficiência para compartilhar com a família

---

---

Apresentação

I. Para começar ...

II. A sexualidade de crianças e adolescentes com deficiência

III. Faz parte da vida!

Para terminar

Referências

Bibliografia

---

---

O que é "sexualidade"?

Por que a educação sexual é importante?

Vida cotidiana e diferenças de gênero

O que a escola ensina?

Coisas sobre tudo e todos

Alguns mitos, tabus e medos frequentes sobre pessoas com deficiência

Atitudes que ajudam

Do que podemos falar?

Puberdade

Aprendendo a reconhecer riscos, a dizer não e pedir ajuda

Algumas recomendações específicas

Crianças com deficiência intelectual

Crianças com deficiência auditiva

Crianças com deficiência visual

Crianças com deficiências físicas

Crianças com paralisia cerebral

---

Sergio Meresman deseja agradecer às seguintes pessoas pela colaboração no processo de trabalho:

- Rosangela Berman Bieler, junto de quem desenvolveu a maioria dos conhecimentos e experiências sobre sexualidade e deficiência que se refletem neste material.
- Carmen Castellano, Bernadette Bujan, Mirta Marina e sua equipe do Programa Integral de Educação Sexual da Ministério da Educação (Argentina), Raúl Mercer, Andrea Gularte, Lilian Galvão, Fernanda Sodelli, Patricia Almeida, Federico Lezama e Álvaro Arroyo por sua leitura cuidadosa do projeto e pelas valiosas contribuições para melhorar este texto.
- A Stella Cerrutti, Carmen Scavonne, María del Carmen Aranda bem como às autoridades do Conselho de Educação Primário e Primário (CEIP) a Inspeção Nacional de Educação Especial pelo o apoio institucional nossa pesquisa "O direito das crianças e adolescentes com deficiência à educação sexual: contribuição para a inclusão "desenvolvida ao longo de 2011 e na qual este material foi inspirado.
- Agradecimento especial a Diego Rossi, Coordenador do Programa de Educação Sexual da ANEP e Valeria Ramos do UNFPA pelo acompanhamento dado a todo o processo de elaboração deste texto, enriquecido sua experiência e compromisso com a educação e inclusão sexual.
- Alicia Benitez do Centro de Referência, que contribuiu com referências bibliográficas e colaborou na edição da lista recursos comunitários, a Raúl de Mora (UNFPA) e Leticia Schiavo, que contribuíram na correção do texto.
- Para Judith Meresman, que coordenou as oficinas de educação sexual com meninos e meninas de onde tiramos as definições do "dicionário" que ilustram algumas dessas páginas.

-----

## **Apresentação da edição uruguaia**

Durante 2011, o Programa de Educação Sexual (ANEP-CODICEN) e o Instituto Interamericano sobre Deficiência e Desenvolvimento Inclusivo (iiDi) desenvolveu uma investigação sobre a implementação da educação sexual em contextos de inclusão. Nessa oportunidade, foi realizada uma série de grupos de discussão e intercâmbios com pais de crianças que frequentam escolas especiais de Montevideu e Canelones para conhecer seus pontos de vista, necessidades e interesses em relação à educação sexual. Por que a educação sexual é importante? Sobre o que devemos falar em família e quando fazê-lo? Como e até que ponto a sexualidade de jovens com deficiência pode se desenvolver? Como lidar com situações desconfortáveis e ensinar a cuidar da privacidade e do respeito? Estas e outras questões apareceram frequentemente nas discussões dos grupos, muitas vezes acompanhadas de medos, risos e também incerteza. O material que apresentamos aqui é uma primeira tentativa de responder a algumas dessas perguntas e fornecer ferramentas para falar em família e com educadores sobre a sexualidade, partindo das informações básicas e orientando as formas de tratar alguns dos principais temas.

Em muitos desses grupos focais, mães e pais repetiram uma frase que parecia incluir reconhecimento da importância e também do desafio que a educação sexual representava, particularmente no caso de seus filhos com deficiência. Muitos disseram "... a sexualidade faz parte da vida ... É por isso que devemos conversar com eles, também sobre este assunto. "

Este material foi inspirado nesta ideia de que a sexualidade é uma parte importante da vida e que ao redor dela são definidos muitos de nossos sonhos, projetos e buscas. A educação sexual é uma das ferramentas necessárias para se construir o projeto de vida e, portanto, deve estar ao alcance de cada criança e adolescente de forma acessível. É uma responsabilidade que começa em casa e segue por toda a vida. A escola, e também os meios de comunicação e redes sociais têm hoje uma enorme influência sobre os jovens e, portanto, também compartilham uma parte dessa responsabilidade.

No caso de crianças e adolescentes com deficiência, os temas que geram incerteza para eles e suas famílias e requerem mais apoio de todos, são quase sempre os mesmos que mobilizam aqueles que não têm deficiência. Neste material, nós tentamos alcançar um equilíbrio entre questões "gerais" de educação sexual e algumas questões específicas que têm a ver com os aspectos de desenvolvimento social e pessoal que preocupam especialmente as crianças e adolescentes com deficiência e suas famílias.

Este material, elaborado com o apoio do UNFPA, UNICEF e a colaboração de uma rede de organizações e profissionais ligados às questões da infância e da deficiência. Ele representa um ponto de partida na implementação de ações que fortaleçam a educação sexual em casa e nas escolas, proporcionando

apoio e abertura de espaços para participação de famílias e organizações de pessoas com deficiência. Esperamos que novas versões sejam enriquecidas por essa colaboração e abram caminho para um desenvolvimento saudável e pleno de direitos e inclusão para todas as crianças e jovens do nosso país.

---

## **Para começar....**

### **O que é sexualidade?**

A sexualidade é uma energia que nos motiva a procurar amor, contato, ternura e intimidade. Ela faz parte de nós. É a maneira como nos sentimos, movemos, tocamos e somos tocados.

A sexualidade influencia nossos pensamentos, sentimentos, ações e interações e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental.

Segundo a Organização Mundial de Saúde, a sexualidade é “uma parte central do ser humano, presente em toda a sua vida. Ela engloba sexo, identidades e papéis sociais de gênero, erotismo, prazer, intimidade, reprodução e orientação sexual.” (OMS, 2006).

Vemos então que a sexualidade humana tem vários componentes: biológicos, psicológicos, sociais e também culturais. Desta forma, podemos dizer que a sexualidade vai muito além da função biológica e tem um significado diferente para cada um, através do qual cada pessoa expressa suas próprias características. Esse é um dos aspectos em que a comunicação com os outros e a expressão do afeto pode alcançar o grau máximo de profundidade e importância.

A primeira coisa que precisamos ter em mente é que falar sobre sexualidade não é só falar de sexo. Sigmund Freud, o criador da psicanálise, disse que "na sexualidade das pessoas está incluído o amor em um sentido amplo, como falam os poetas". A sexualidade humana tem aspectos que nos diferenciam de outras espécies: o erotismo, a busca do prazer, a necessidade de privacidade, o desejo que é expresso de diferentes maneiras e através de buscas diversas. Falar de sexualidade implica falar sobre afetos, sentimentos, emoções, sensações, significados, etc.

Somos todos seres sexuados e sexuais, já que a sexualidade é uma parte importante da nossa vida e da nossa pessoa. Há muitas maneiras de sentir, viver e exercitar a sexualidade, que inclusive vão mudando ao longo da vida, entre pessoas e culturas diferentes. Não há uma maneira única que possa ser considerada "melhor" ou "pior" do que as outras.

Pode-se dizer que a sexualidade humana, para além de "órgãos sexuais" é "feita de palavras". Os seres humanos são os únicos "bichos" no reino animal

que expressam a sexualidade através da palavra. Com isso queremos dizer que, para se aproximar dos outros, relacionar-se emocionalmente ou sexualmente, precisamos nos comunicar, seduzir, convencer. Para isso às vezes é necessário escrever um poema, falar palavras bonitas para a pessoa pela qual nos interessamos, fazer com que ela se interesse por nós... são todas questões que só podem ser alcançadas através da linguagem, da comunicação em um sentido amplo.

Por tudo isso, falar com naturalidade da sexualidade pode não ser fácil. É um assunto que desperta muitos dos nossos medos, fantasias, emoções, tabus. A sexualidade, por vezes, inclui situações complexas, difíceis de entender e que fazem parte de uma das esferas mais íntimas e privadas das pessoas. A sexualidade humana não pode ser simplificada. É uma experiência para a qual não existem "receitas" e que devemos considerar sempre com base na confiança, no carinho, na intimidade e no cuidado com o outro.

### **Por que a educação sexual é importante?**

A educação sexual também ocorre através das palavras com as quais as famílias falam sobre alguns tópicos:

De onde (e por que) vêm as crianças, como foi começo de uma história de amor, quanto alguém sofre quando é rejeitado. Quando conversamos sobre essas coisas no nosso ambiente familiar, isso é uma forma de educação sexual. Mas, quando não falamos, também estamos emitindo mensagens sobre a sexualidade. Através de gestos, olhares, sorrisos, constrangimento, e até evitando ou censurando o assunto, estamos dando sinais que podem ser determinantes na educação sexual que nossos filhos e filhas recebem.

A educação sexual deve contribuir para a compreensão dos nossos sentimentos. Não apenas os sentimentos de amor, mas também de amizade, companheirismo, solidariedade, e mesmo os sentimentos negativos, como desconforto, vergonha, repulsa ou rejeição. Deve nos ajudar a nos sentirmos confortáveis em nosso relacionamento com outras pessoas e também com nós mesmos, nosso corpo e nossos sentimentos. A educação sexual ajuda a desenvolver a capacidade de reconhecer o que sentimos, quando estamos confortáveis e quando não estamos. É por isso que ela faz parte dos elementos de proteção em situações de abuso sexual, coerção ou violência.

O dia a dia da família é uma referência fundamental na formação sexual das crianças. Através da comunicação entre pais, irmãos e outros parentes, as crianças constroem sua maneira de valorizar os sentimentos e entender aspectos importantes da relação entre homens e mulheres, que será necessária para se relacionar com outras pessoas. É através desses vínculos que ocorrem os processos e fatores psicológicos que vão determinar sua identidade sexual.

O modo como a família se relaciona oferece às crianças a chave para encontrar a segurança necessária, aprender a receber e dar carinho e construir sua autoestima.

Para isso, é necessário diálogo, que elas sejam ouvidas e compreendidas com relação a "seus desejos, desde um ponto de vista sensível e não egoísta".

### **Crianças com deficiência**

A educação sexual é necessária para todos, e também para crianças com deficiência, já que faz parte dos conhecimentos e habilidades importantes que elas precisam para se desenvolverem saudáveis e se inserirem adequadamente no mundo em que vivem.

Além disso, ela contribui para promover a maturidade e sentimentos positivos sobre si mesmas, ajudando-as a rejeitar ideias erradas, como por exemplo que elas não são dignas de ser amadas ou que nunca serão capazes de manter um relacionamento afetivo satisfatório. Afinal, a saúde sexual é uma parte importante da saúde física e mental.

E, acima de tudo, a educação sexual é um direito das crianças que nós adultos devemos respeitar, promover e compartilhar com elas.

### **Vida cotidiana e diferenças de gênero**

Os papéis de gênero são transmitidos pela sociedade e fazem parte da vida cotidiana desde que a criança nasce. Por exemplo, em todas as famílias é dado um tratamento diferente ao menino ou a menina, tanto na maneira de se vestirem, como na forma de tratá-los, fazer carinho, conversar com eles. Pode ser que seja ensinado, por exemplo, que "os homens não choram" ou que certas tarefas como cozinhar ou costurar, "são coisas de meninas".

Dessa maneira, o que se ouve diariamente vai influenciando o modo de se compreender e desempenhar os papéis de gênero. Através da imitação e brincadeira, as crianças reproduzem os costumes que veem em suas famílias como se fossem uma regra e não um simples costume, que pode mudar em cada época ou de acordo com a cultura.

Quando os papéis de gênero são rígidos ou estereotipados, limitam as possibilidades de desenvolvimento das pessoas e restringem sua liberdade. Os adultos devem trabalhar para romper esses estereótipos e promover o acesso da criança ao espectro mais amplo possível de oportunidades, aprendizados, atividades e projetos pessoais.

### **Escola**

A escola é responsável por oferecer não só os conhecimentos que são relevantes e científicos com relação ao corpo, à reprodução e à afetividade. Ela também deve ensinar sobre as diferenças de gênero, sobre direitos de homens e mulheres, sobre as diferentes formas de viver e expressar a identidade sexual de cada pessoa. E ela deve fazer isso no momento mais apropriado, de acordo com os interesses e as idades das crianças.

A escola deve colaborar para que as crianças recebam educação sexual integral, ensinando-as a respeitar a diversidade de opiniões, conscientizando-as de seus direitos de se expressar e dando-lhes as informações necessárias para tomar as decisões pessoais que influenciarão sua vida.

**A educação sexual na escola também é importante para proteger as meninas e os meninos da violência e motivá-los a valorizar seu corpo, bem-estar e sua saúde.**

A escola deve ensinar e promover a equidade entre as meninas e meninos, homens e mulheres. É verdade que um homem e uma mulher, um menino e uma menina, não são iguais, mas essas diferenças devem ser respeitadas e reconhecidas.

É possível alcançar o direito à igualdade respeitando e valorizando cada indivíduo e equalizando as oportunidades na vida, de modo que obrigações e responsabilidades não dependam do sexo da pessoa. **Por isso, quando falamos na igualdade entre homens e mulheres, estamos nos referindo a não discriminar as pessoas pelo seu sexo e valorizar sempre a igualdade de oportunidades.**

Tratamento igualitário significa não discriminar ninguém pelo fato de ser homem ou mulher. A escola e a família têm papel fundamental em garantir o respeito ao direito à igualdade, promovendo em todos a capacidade para resolver e decidir sobre sua própria vida.

A escola deve promover a diversidade humana por sua riqueza e porque se trata de um direito humano, evitando que não se aceite de nenhuma maneira a discriminação ou estigmatização por idade ou sexo, orientação sexual, características físicas, lugar de procedência ou residência, etc. Para isso devem ser ensinados e enfatizados os valores das relações igualitárias, o bom trato e respeito mútuo de todas as pessoas.

**A escola deve buscar promover e gerar um clima de respeito e confiança** para que a comunicação e o diálogo sobre questões relacionadas à sexualidade fluam em ambiente amplo e aberto. A troca de experiências e a expressão de emoções, sentimentos, dúvidas, preocupações, promovem a aprendizagem, ao mesmo tempo que permitem apreciar diferentes pontos de vista, aumentando as possibilidades de compreensão do outro, de si mesmo e respeitando os direitos de todos e todas.

Na escola aprendemos também que, entre os diferentes modos de sentir, viver e expressar a sexualidade, há aquelas/es que são atraídas/os por pessoas do

mesmo sexo (homossexualidade), de sexo diferente (heterossexualidade) ou de ambos os sexos (bissexualidade).

Ao longo da história, essas diferenças foram usadas como uma "desculpa" para discriminação, estigmatização e opressão de alguns desses grupos. É importante saber que todas as pessoas têm o direito de interagir com pessoas do mesmo sexo e não sofrerem discriminação por causa de sua orientação ou identidade sexual.

Muitas vezes, as pessoas homossexuais vivem situações de discriminação, violência, bullying, etc. Tanto as famílias quanto a escola devem ensinar sobre a necessidade de respeitar, apoiar e fortalecer a sua autoconfiança.

A escola também deve procurar desenvolver estratégias para trabalhar com as famílias e a comunidade, aproximando-as dos serviços e recursos que envolvem o desenvolvimento e à saúde sexual e reprodutiva.

Também é importante que a escola ensine sobre o uso de novas ferramentas tecnológicas como a Internet, redes sociais, videogames, etc.

Ao promover o uso da tecnologia, não devemos perder de vista o fato de que jogar, ler, praticar esportes, estar com os amigos, também são atividades fundamentais para o desenvolvimento e bem-estar. Da mesma forma, as crianças e as famílias devem ser ensinadas, que as redes sociais, os jogos e páginas da web que eles usam, devem ser supervisionadas pelos pais velhos para evitar qualquer tipo de abuso. Reforçar a segurança da privacidade e orientar sobre a exposição e envio de fotos, vídeos e comentários feitos na rede são de suma importância.

### **Como acompanhar meninos e meninas para o uso seguro da Internet**

Vivemos em uma época em que crianças e adolescentes podem passar muitas horas do dia em frente às telas de computadores, tablets e telefones celulares. Eles trocam todo tipo de informação, participam de redes sociais e se comunicam uns com os outros o tempo todo.

Portanto, é importante que as famílias estejam próximas nesses momentos. É dever dos pais acompanhar, compartilhar e orientar, respeitando a privacidade, mas também prestando atenção.

As famílias têm o direito e a responsabilidade de orientar, educar e chegar a um acordo com os filhos para o uso responsável da Internet.

Como fazer isso?

Por exemplo, estabelecendo lugares e tempo para o uso, informando sobre páginas que não devem ser visitadas, ou avisando sobre informações que eles não devem fornecer para protegê-los de mensagens e/ou situações perigosas ou desagradáveis.



Por isso é importante que as famílias também se informem sobre o uso da Internet e seu conteúdo.

É sempre aconselhável estabelecer um tempo e um lugar na escola e no ambiente familiar para que crianças, jovens e adultos possam interagir como usuários de novas tecnologias. Isso permitirá compartilhar os pontos mais positivos dos recursos tecnológicos, e também reconhecer e concordar sobre o que não é benéfico.

Para isso, é necessário:

- Conversar regularmente com os jovens sobre a Internet, procurando se informar sobre o que eles veem, fazem e consultam diariamente
- Navegar com eles de vez em quando, para esclarecer dúvidas que possam surgir
- Falar sobre a importância de saber a identidade das pessoas com quem quer se comunicam nas redes sociais
- Conversar sobre as precauções que devem ter ao postar fotos, dados pessoais e comentários, para garantir sua privacidade e de outras pessoas.

Como todas as ferramentas e avanço técnico/tecnológico, as novas tecnologias não são neutras. Mas é fato que, para os jovens, elas representam um meio diário de comunicação, além de proporcionarem uma excelente oportunidade de aprender e explorar o conhecimento.

Buscar informação, ler um livro, assistir uma série, filme ou documentário, ouvir música ou ver notícias de outros países do mundo são opções de atividades que podem ser feitas em família.

Alguns sites para expandir essa informação:

<https://new.safernet.org.br/content/crian%C3%A7a-e-adolescente-na-internet>

<http://www.safernet.org.br/site/prevencao/dicas/criancas>

<https://new.safernet.org.br/content/jogue-com-crian%C3%A7as-dados-pessoais>

<https://new.safernet.org.br/content/acesso-%C3%A0-internet-por-crian%C3%A7as-e-adolescentes-dicas-de-como-orientar>

## **II - A sexualidade das crianças e adolescentes com deficiência**

Todo mundo tem

Crianças e adolescentes com deficiência são pessoas sexuais como todo mundo e têm necessidade de amor, ternura e prazer como qualquer pessoa. Exercer a sensualidade e a sexualidade não é apenas um direito que todos os seres humanos têm, mas também é um fator muito importante de bem-estar.

Existe um espectro variado de tipos de deficiência - intelectual, psicossocial, sensorial, física, motora, etc. Crianças e jovens têm características diferentes de acordo com sua deficiência, e isso se expressará na experiência e no exercício de seus sentimentos e de sua sexualidade.

Por exemplo, não é a mesma coisa uma criança ou jovem com deficiência intelectual (que pode precisar que as informações sobre o assunto sejam transmitidas de forma mais simples do que para outros da sua idade) que uma criança ou jovem com uma deficiência física que compromete suas funções corporais ou sua capacidade de se mexer.

A seguir vamos apresentar algumas características comuns a todas as crianças e jovens e, em seguida, pontuar considerações específicas, de acordo com as deficiências mais frequentes.

***Ter uma deficiência, mesmo que seja permanente, não quer dizer que a identidade dessa pessoa se resume a essa característica.***

***Para conversar com nossos filhos e filhas sobre questões sexuais, na maior parte das vezes é preciso um pouco de bom senso e sensibilidade para entender o que ele ou ela precisa conhecer. O fundamental é sempre tratá-los com amor, respeito e atenção.***

De maneira geral, a deficiência não afeta o desejo ou condição sexual de uma pessoa e condiciona apenas parcialmente seu nível operacional. No entanto, a deficiência pode afetar habilidades de comunicação e autoimagem, impactando em sua vida emocional e sexual.

Ao longo deste livro, vamos dar alguns exemplos de possibilidades que as pessoas com deficiência têm para que desenvolvam uma vida emocional e sexual saudável e gratificante.

Nosso corpo é a primeira imagem que mostramos aos outros e ela se modifica a partir dos vínculos que estabelecemos.

No caso de uma criança ou jovem com deficiência, a imagem de si próprio carrega um aspecto físico que pode ser diferente da maioria e pode incorporar elementos como próteses, bengalas, cadeiras de rodas e sondas.

Isso implica uma série de desafios psicológicos na construção da autoestima e relacionamento com os outros.

A realidade nos mostra que muitas vezes jovens com deficiência enfrentam desde a infância uma série de barreiras que condicionam suas chances de desenvolver uma vida amorosa. A ignorância e algumas atitudes sociais em relação à deficiência, que se baseiam em tabus milenares, estão na raiz dessa questão e causam a maior parte dessas barreiras e limitações:

- Estigmatização das pessoas com deficiênci@s, negando e reprimindo sua sexualidade.
- Redução das oportunidades pela superproteção, segregação e isolamento, quando são restritos ao ambiente familiar.
- Estímulo da baixaestima.
- Restrição de participação em espaços de conversa e oportunidades de troca, jogos e socialização com outras pessoas da mesma idade.
- Dificuldade das próprias famílias de reconhecerem suas necessidades de educação sexual e proporcioná-la, junto com informações de prevenção.

Muitas vezes, o medo, a falta de experiência, o constrangimento e os próprios estereótipos sobre deficiência fazem com que não sejamos bons conselheiros ou tão carinhos@s quanto gostaríamos.

Esses medos sobre questões sexuais nos levam a evitar ou minimizar a abordagem sobre o assunto e passamos a mensagem errada: "Não se fala sobre isso".

***As pessoas com deficiência têm direito de viver sua vida afetiva. Têm projetos e desejos. A vida afetiva e a sexualidade, entendida em sentido amplo, se manifesta da mesma forma em todas as pessoas. Muitas vezes, a maior barreira para crianças e jovens com deficiência é o olhar dos outros.***

É importante garantir às crianças e jovens com deficiência educação sexual e a possibilidade de perguntar, pedir informação.

Eles precisam desse conhecimento para se relacionar com outras crianças e jovens, e também com adultos no campo afetivo: ser respeitados, se sentir valorizados, construir vínculos de carinho e ser correspondidos em suas necessidades de afeto.

Vamos oferecer informação. Vamos deixar que perguntem, e vamos responder sempre com a verdade. O silêncio e as mentiras reforçam os medos, o mistério e fantasias equivocadas.

Vamos colocar de lado os estereótipos, o constrangimento e os temores que este tema nos provoca, assim como as situações que nos incomodam ou que não compreendemos.

Não existem regras fixas. Porque somos todos diferentes! O importante é ter sensibilidade e levar em conta as necessidades, possibilidades, modos de ser e de se comunicar de cada pessoa.

A maior parte das pessoas aprende por tentativa e erro as estratégias de abordagem, sedução, conquista, amizade, cordialidade, competição, solidariedade, resolução de conflitos e a dose "adequada" de nossos sentimentos e afeto para cada situação.

No caso de crianças e jovens com deficiência esta aprendizagem pode ser mais difícil ou levar mais tempo para se desenvolver, mas é possível de ser alcançada.

Crianças e jovens com deficiência podem aprender muitas coisas importantes que lhes ajudarão a entender e a "gerenciar" seus sentimentos e desejos.

### ***Por onde começamos?***

***- A época para começar a falar sobre sexualidade com crianças ou jovens com deficiência pode variar muito, mas não é muito diferente do que acontece com outras crianças e jovens. Podemos levar em conta algumas coisas que precisam ser entendidas, e também ouvir as suas próprias preocupações e perguntas como ponto de partida:***

***- O que é público e o que é privado: partes do corpo, lugares, atividades***

***- O corpo e suas funções: informações básicas necessárias para o autocuidado e higiene***

***- Sentimentos, limites e relações interpessoais: contatos, conversa e o nível de confiança que são aceitáveis em cada tipo de relacionamento***

***- Interação social: como abordar os outros e como os outros devem se dirigir a ela/ele***

***- Segurança: o que fazer quando é tocado inapropriadamente***

***- A quem recorrer se alguém tocar ou falar com elas ou eles de maneira inapropriada.***

### ***Crianças menores (alguns exemplos)***

***- Entender e aceitar as diferenças anatômicas entre menino e menina, identificar as diferenças culturais atribuídas socialmente e entender que meninas e meninos têm os mesmos direitos e as mesmas habilidades para brincar, desenhar, pular, fazer esportes, etc.***

***- Entender como uma família é formada e a existência de diferentes tipos de famílias. Compreender que certas coisas só podem ser faladas ou feitas no ambiente familiar.***

***- Entender por que e como uma criança nasce (as perguntas sobre isso geralmente aparecem insistentemente antes da chegada de um irmãozinho ou outra gravidez ou nascimento de alguém próximo).***

- **Conhecer as partes do corpo e funções anatômicas principais, bem como os aspectos ligados à higiene corporal.**
- **Saber que a sexualidade, o desejo, a curiosidade, os sentimentos são parte de todos: seus pais, irmãos, conhecidos. Se trata de coisas íntimas, mas não são "sujas" nem vergonhosas.**
- **Compreender a necessidade de manter algumas partes do corpo ao âmbito privado. Não há porque reprimir a sexualidade, mas há momentos e lugares para as coisas íntimas.**
- **Compreender a masturbação e os jogos autoeróticos como uma forma saudável de exercer e explorar a sexualidade.**

### **Jovens (alguns exemplos)**

- Entender não só o seu corpo e as principais funções anatômicas, mas os sentimentos bons e desagradáveis relacionados a algumas áreas do corpo.
- Aprender a respeitar os direitos iguais entre mulheres e homens.
- Entender as relações entre pessoas além dos laços familiares, por exemplo, o que significa uma amizade e o que é uma relação de casal. Entender o que elas têm em comum e quais são os limites e diferenças entre esses tipos de relacionamentos.
- Conhecer o direito de dizer não quando você não quer ser olhado, tocado ou abordado de alguma maneira. Desenvolver habilidades para decidir o que quer ou não quer fazer.
- Saber como se cuidar para evitar uma gravidez.
- Conhecer as infecções transmitidas sexualmente mais comuns e como evitá-las.
- Aprender como decidir, de uma maneira consciente, quando e em que condições deve levar adiante um relacionamento amoroso.
- Compreender as maneiras diferentes de sentir e viver a sexualidade aprendendo a respeitá-las e valorizá-las como expressões da diversidade humana.

Esses aprendizados começam desde as primeiras fases da vida. Cada coisa deverá ser ensinada em várias etapas e ao longo dos anos. Não devemos pensar que "são como crianças" "não entendem" e ficar esperando que cresçam, cheguem à adolescência ou surja algum problema, para só então falar sobre essas questões.

As atitudes dos adultos são importantes antes mesmo das crianças chegarem ao mundo, e influenciam os mais novos antes deles aprenderem a falar ou andar.

Um bebê de dez meses ou um ano que descobre seu corpo e explora suas genitais, precisa que o adulto o trate com amor e carinho ao dar banho nele, trocar a fralda, falando com ele, cantando e evitando sobretudo que esse ato seja tratado como algo negativo ou “sujo”.

## **Alguns mitos, tabus e medos frequentes sobre pessoas com deficiência.**

### **Mitos e verdades**

**- “Crianças e jovens com deficiência se sentem deprimidos e frustrados, são agressivos e muitas vezes manipuladores.”**

. Muitas crianças e jovens com deficiência são cheios de vida, alegres e têm **grande** senso de humor. Não é correto generalizar ou atribuir a todos um comportamento padrão.

**- “Precisam sempre que se cuide deles e que os proteja”.**

. O paternalismo e a superproteção não são uma boa maneira de cuidar. Quanto mais eles souberem, melhor. E acima de tudo: quanto mais conseguirem se defender por si próprios, melhor.

**- “É meio bobo. Não conhece os limites ou não entende”.**

. Não trate seu filho com deficiência como se fosse eternamente uma criança ou como se não entendesse. À medida que seu filho cresce, tenta entender coisas sozinho, sempre que possível. Não o subestime ou limite suas chances de aprender e superar as dificuldades.

**- “As pessoas com deficiência não podem fazer sexo”.**

. Homens e mulheres com deficiência podem amar, expressar sua sexualidade, e também ter relações sexuais, se assim o desejarem. Não existem limitações predefinidas e, na maioria dos casos, cada um encontra seu próprio limite através da experiência que só pode ser vivida e processada por si mesmo.

**- “As pessoas com deficiência não são dadas a aventuras sexuais”**

. Pessoas com deficiência têm suas preferências para realizar um ato íntimo. Elas podem ter desejos e ideias para transmitir e viver sua sexualidade.

**- “As pessoas que vivem em instituições não deveriam ter relações sexuais.”**

. Na maioria das instituições, não existe privacidade, não há fechaduras nos quartos nem se oferece quartos para os casais, desrespeitando seus direitos.

Porém, quando as instituições oferecem condições apropriadas, pessoas com deficiência institucionalizadas também podem achar um caminho de encontrar o prazer de maneira digna.

- **“As pessoas com deficiência nunca são agredidas sexualmente”** .

. Muitos acreditam que pessoas com deficiência não correm risco de sofrer violência sexual. Porém, a realidade é o oposto: pessoas com deficiência têm mais chance de serem vítimas de abuso sexual e menos possibilidade de conseguir ajuda e proteção.

### **Atitudes que ajudam**

- Expresse boas expectativas sobre o desempenho e desenvolvimento da pessoa. Discuta com ela ou ele sobre o futuro e ajude a estabelecer metas, encontrar os caminhos para atingi-las e ganhar autoconfiança em si mesma/mesmo. Objetivos futuros e sonhos ajudam a seguir avançando.

- Aproveite as oportunidades para incentivá-la/o a tomar suas próprias decisões.

- Sempre que possível, dê a ela/ele oportunidade de agir livremente e executar tarefas de forma autônoma. Para qualquer pessoa, fazer escolhas e tomar suas próprias decisões da maneira mais independente possível, é um modo de aprender, crescer e ganhar confiança em si mesmo.

- Mostre a ela/ele que você conhece suas habilidades e possibilidades.

- A interação com outras crianças é muito importante: as crianças prestam atenção em outras crianças ou adultos com deficiência. Num primeiro encontro com seu filho ou filha, eles certamente o/a olharão com curiosidade. Não sinta vergonha ou reprima esse interesse. Deixe-os interagir, converse com eles sobre deficiência e ajude-os a entender que as pessoas são diferentes. Isso faz parte da educação!

- É importante que você seja você mesmo e fale com naturalidade, sempre se dirigindo diretamente à criança com deficiência. Não assuma que ela ou ele não entende.

- Não minta. Dê explicações que possam ser entendidas de uma maneira simples, concreta, e oportuna, respondendo o que eles estão perguntando. Às vezes os adultos dão longas explicações, com detalhes muito específicos. Se perguntarem por onde os bebês saem, você tem que responder de onde eles "saem" e permitir que façam outras perguntas, várias vezes, se necessário. Quando desejarem saber como ou por onde "entram" e "de onde vêm as bebês", eles vão perguntar, e aí então será a hora de responder.

- Não fale sobre as dificuldades ou sobre assuntos que dizem respeito à intimidade de seu filho ou filha com outras pessoas na frente dele ou dela. Ele ou ela pode se sentir envergonhado e isso é muito desrespeitoso.

- Isso não se aplica apenas à sexualidade, mas também à vida cotidiana em geral. Você deve falar com os jovens sobre todos esses temas, sem exceção, dando ênfase às questões ligadas à privacidade do corpo e das partes íntimas.

- Use desenhos, bonecas, histórias, vídeos etc., que apoiem a explicação e facilitem a compreensão. Vídeos na Internet sobre fertilização e desenvolvimento do bebê no útero e o parto, são recursos valiosos para famílias e educadores.

### ***Por que você está perguntando isso?***

***As perguntas que as crianças fazem são importantes porque permitem a conversa. Muitas vezes, a conversa é mais importante que a resposta. O professor José Pacheco \* conta um caso muito interessante sobre a importância de encorajar as perguntas.***

***"Uma criança se aproxima de mim e pergunta:" Professor, minha bateria do relógio é um ser vivo? "O que devo responder a ele? Qual é a resposta correta? Eu poderia responder não, bem segundo os livros de Ciências Naturais do 4º Grau, "ser vivo" é aquele que tem a capacidade de nascer, crescer, reproduzir e morrer. Mas essa não é a resposta certa.***

***A resposta correta é por que você está perguntando isso?***

***Se eu digo à criança ... por que você está perguntando isso? "Ela dá uma resposta emocionante:***

***"Professor, é que essa bateria é de quartzo, vi na Internet que o quartzo é um elemento muito antigo, nascido há milhões de anos, as moléculas de quartzo podem se juntar, se acumular e crescer. Olha professor ... além disso, vi em um museu que, como resultado dos movimentos da terra, as pedras que contêm quartzo se dividem, ou seja, elas se multiplicam! E além do mais ... meu relógio parou ... ficou sem pilha! A pilha morreu! Então eu acho que o quartzo é um ser vivo "***

***É importante dar espaço para as perguntas, estimular as teorias que as crianças têm sobre o mundo e as coisas.***

***\* Criador da "Escola da Ponte", <http://www.escoladaponte.pt/>***

### **Do que podemos falar?**

O desenvolvimento sexual (físico e emocional) faz parte do desenvolvimento integral de uma criança e parte do processo que o torna uma "pessoa adulta" e aprende a ser tratada como tal. Por isso é tão importante.

No entanto, em nossa sociedade, é comum associarmos essa transição para a fase adulta, como a possibilidade de formular um projeto de vida, ter



relacionamentos amorosos, conseguir um emprego e seguir uma carreira profissional, planejar a maternidade ou paternidade e começar uma família. Todas essas possibilidades podem se tornar mais complicadas no caso de um adolescente com deficiência.

Sonhar, imaginar projetos e construir um horizonte para o qual caminhar é tão necessário para um jovem com deficiência como para qualquer um. Ajude seu filho a falar e pensar sobre essas coisas, entendê-las e se preparar para os desafios futuros.

## **Do que podemos falar com eles?**

### **2 a 9 anos**

Das diferenças entre meninos e meninas.

Das partes do corpo.

Como nascem as crianças.

De lugares e comportamentos públicos e privados.

Sobre maneiras de reconhecer e dizer "não" a contatos inadequados.

De masturbação.

### **10 - 14 anos**

De menstruação e outras transformações da puberdade.

Dos sentimentos e emoções relacionados ao desejo.

De orientação sexual.

Do que significa criar e manter um relacionamento afetivo.

De jogos pré-sexuais e sexuais.

De relações interpessoais.

### **15 anos ou mais**

Das diferenças entre sexo e amor.

De infecções sexualmente transmissíveis e de maneiras de evitá-las.

Da responsabilidade envolvida em um relacionamento sexual.

Da responsabilidade de ser mãe ou pai.

Adaptado de P. Rivera Sánchez (2008)

***“Quando minha filha teve sua primeira menstruação ... Eu estava apavorada. Isso significava que minha filha já era uma mulher! E também que poderia engravidar! Ela tem um atraso intelectual e é difícil ensiná-la a cuidar de si mesma, se limpar quando a menstruação vem ... mas é tão bom vê-la orgulhosa de ser mulher! ”***

***Mãe de uma adolescente com deficiência***

## **Puberdade**

A puberdade de um jovem com deficiência é uma fase complexa, cheia de novos desafios e mudanças a que a família também deve se ajustar. O corpo muda, os hormônios fazem seu trabalho, e o humor muda abruptamente.

Às vezes, a puberdade implica “descompassos” entre a idade cronológica e a fase do desenvolvimento ou de maturidade.

As famílias geralmente têm dificuldade de lidar com esta nova situação. É bastante comum no primeiro momento negar ou reprimir o interesse que surge nos filhos pelas questões sexuais ou não ser capaz de responder tranquilamente a novas perguntas e necessidades.

No entanto, é muito importante não "fechar os olhos" e dar oportunidade para conversar sobre os temas que se tornam mais delicados, além de deixar espaço livre para a privacidade e os "segredos" de que todo adolescente precisa.

## **Aprendendo a respeitar a privacidade**

Aprender a respeitar sua própria privacidade e a dos de outros, é muito importante no processo de crescimento e maturidade. Deve-se entender a necessidade de reservarmos algumas palavras, situações e comportamentos, para momentos e lugares íntimos e privados, para evitar ofender ou ser ofendido por outras pessoas. A importância de respeitar a privacidade pode ser transmitida de muitas maneiras no relacionamento entre uma criança e sua família.

Não se trata apenas de falar, mas dar exemplos concretos para que a criança possa encontrar seus espaços e momentos privados, por exemplo: ir ao banheiro sozinho, aprender que as pessoas se viram de costas quando alguém está trocando de roupa, compreender que existem lugares e situações que todos da família tratam e respeitam como momentos íntimos.

***O respeito à privacidade se aprende a partir do vínculo que os pais têm com a criança. É importante, por exemplo:***

**- Incentivar que sua filha ou filho aprenda a ir ao banheiro sozinho, ou que fique sozinho no banheiro (sempre que possível).**

**- Ensinar pelo exemplo a importância de se virar de costas quando alguém está trocando de roupa.**

**- Falar em privado sobre alguns assuntos, mostrando que certos temas não são discutidos em público.**

**- Ensinar a bater na porta antes de entrar – e dar o exemplo de sempre fazer o mesmo quando vai entrar no quarto do filho ou da filha.**

No entanto, é fato que a falta de autonomia de algumas crianças devido à sua deficiência requer o contato físico para desempenhar atividades da vida diária (que precisam ser carregadas, banhadas, vestidas, etc.)

Isso traz como consequência uma dificuldade em estabelecer limites pessoais. No caso da criança ou jovem precisar de ajuda para ir ao banheiro, se vestir, se despir, ou se mover, deve-se considerar que a privacidade terá outros limites.

Apesar disso, é muito importante reservar alguns lugares e momentos aos quais só se deve ter acesso se a jovem/o jovem autoriza. Deve-se incentivar (na medida do possível, a compreensão dessas regras, pedindo permissão para quando outra pessoa vai ajuda-la/o, perguntando se quer fazer algo e resguardando sua privacidade com uma porta ou cortina fechada.

### **Aprendendo a reconhecer riscos, dizer NÃO e pedir ajuda**

Todas as crianças com deficiência precisam aprender sobre relações sexuais, maneiras prevenir gravidez e transmissão de infecções transmitidas sexualmente.

Em relação à gravidez, é necessário explicar como o corpo do homem e da mulher funcionam, o que é fertilidade e como a mulher engravida.

É muito importante dar informações sobre infecções sexualmente transmissíveis e as formas de preveni-las.

Para isso, é bom que estejam familiarizados com os diferentes métodos contraceptivos e saber pedir ajuda (no caso de precisarem) para usá-los corretamente.

No entanto, não apenas as informações contam na hora de decidir sobre sexualidade. Os sentimentos são muitos confusos e, para um adolescente com deficiência, como para qualquer outra pessoa, existirão conflitos emocionais e situações difíceis de controlar.

Não é uma questão de dizer “o que não devem fazer”, mas ajudá-los a pensar que muitas vezes fazemos as coisas sem pensar bem o sem tomar as precauções necessárias.

***Os pais devem transmitir claramente que relações sexuais não são para crianças, mas para adultos e isso só deve acontecer quando eles querem e aceitam, sem coerção ou pressão de qualquer tipo. Ter relacionamentos é um ato muito íntimo e importante na vida e que não deve ser feito com alguém que eles acabam de conhecer, mas quando eles realmente se sentem bem com essa pessoa e ambos concordarem.***

As crianças e adolescentes com deficiência também são vulneráveis ao abuso sexual. Pode acontecer que, por seu isolamento, suas dificuldades em entender intenções dos outros ou sua baixa auto-estima, sejam induzidos ou coagidos a realizar práticas sexuais. Muitas vezes, as crianças simplesmente não sabem dizer não, fugir de uma situação comprometedoras ou se defender contra algo que não querem fazer. É muito importante ensiná-los a reconhecer o que não gostam ou o que faça com que se sintam mal e a não ter medo de dizer não.

Mas as crianças também podem ser fortes o suficiente para se defender e escapar de situações adversas. É por isso que devemos oferecer ferramentas que os ajudem a evitar abusos, detectando situações de risco tão logo possível para interrompê-las e escapar do perigo da melhor maneira, de acordo com sua idade ou possibilidades. Para isso, é essencial dar-lhes informações e educá-los sobre a sexualidade, ajudando-os a entender como se relacionar e que precauções tomar.

É essencial que possam conversar sem medo com adultos em quem confiem. A família deve passar a mensagem de que não é bom guardarmos segredos que nos prejudiquem, e que eles contam com pessoas que os amam e em quem podem confiar.

### ***Sobre "superproteção"***

***A superproteção impede que as crianças vivam experiências usuais e fundamentais para sua socialização e para se adaptar ao meio e acordo com sua faixa etária.***

***A superproteção protege apenas crianças de uma coisa: de experimentar a vida.***

***Você aprende a viver vivendo ...***

***O adulto é um adulto porque ele é autônomo ... ou seja, adquiriu durante a infância as habilidades sociais que as crianças precisam aprender para fazer parte da sociedade.***

***Adaptado de Javier Bellina de los Heros***

***(memoriadeorfeo.blogspot.com)***

### **III. Faz parte da vida!**

#### **Algumas recomendações específicas**

Nesta seção, daremos algumas dicas e recomendações específicas para compartilhar em família sobre a sexualidade de crianças com diferentes deficiências.

Existem muitos tipos de deficiências e limitações funcionais na diversidade humana e não temos a pretensão de cobrir todos os casos neste guia. Além disso, todos os dias surgem novas manifestações da diversidade humana.

O mais importante é perceber que somos todos diferentes em nossa individualidade, ao mesmo tempo que igual nos nossos direitos como pessoas, incluindo no direito à educação sexual como parte da vida.

#### **Crianças e jovens com deficiência intelectual e/ou autistas**

Não é necessário ser um profissional ou especialista da área para entender e se comunicar com uma criança ou jovem com deficiência intelectual sobre sua sexualidade. Basta respeitar seu tempo, entender suas necessidades e ensinar algumas regras básicas sobre o local e horário mais apropriados para falar sobre isso.

Pode demorar um pouco até se encontrar uma forma de comunicação, mas o resultado será muito valioso para a pessoa e gratificante para nós (Aznar e Castañon, 2006).

Crianças e jovens com deficiência intelectual às vezes precisam de mais tempo do que outros para entender questões relacionadas à sua sexualidade. A repetição, linguagem clara e simples, orientações concretas e em etapas, mensagens breves, dosando bem as informações, geralmente são bons recursos para nos fazermos entender e sabermos o que eles precisam.

Crianças que têm menos possibilidade de comunicação através da linguagem costuma usar gestos para se fazer entender. Fotos, desenhos simples e sobretudo as situações cotidianas e não artificiais – como algo que acontece na TV ou que surge durante uma caminhada na rua – são a melhor maneira de se comunicar com eles e ensiná-los.

É muito importante que os diferentes membros de uma família (mãe, pai, irmãos, avós ou outras pessoas que moram em casa) estejam de acordo para haver consistência na mensagem, nas regras e nas informações que são passadas.

#### **Puberdade**

Em geral, jovens com deficiência intelectual começam a puberdade na mesma idade que os demais.

Passam pelas mesmas mudanças físicas e hormonais.

Mas uma criança com deficiência intelectual precisará de educação mais reforçada e mais apoio para entender as mudanças que a puberdade traz e se adaptar a elas.

Podem surgir impulsos e vontades de experimentar o corpo sem que o jovem consiga ter uma ideia clara do que sente.

Ainda assim, ele entenderá que, através de algumas áreas do corpo, pode sentir sensações agradáveis.

Sem saber exatamente o que acontece com seu corpo, se é bom ou ruim ou quando e onde deve ser feito, vai ter prazer com isso e não poderá deixar de evitá-lo.

Os jovens que requerem mais cuidados e apoio vão precisar de uma atenção muito personalizada e paciente até poder expressar sua sexualidade de maneira adequada e positiva.

Por exemplo, é provável que tenham dificuldade de compreender o conceito do que é público e privado, e quais são os comportamentos mais adequados em cada caso. Os pais devem encontrar ocasiões para explicar e reforçar esse conceito, transmitindo a mensagem de que há lugares e horas para cada coisa.

A masturbação geralmente causa conflitos constantemente entre o jovem e sua família, especialmente quando isso é feito na frente de outras pessoas e com relativa frequência.

Devemos enfrentar com calma essa situação com a qual não estamos acostumados. Não é conveniente fazer disso um drama, nem punir o adolescente com proibições ou castigos, cujo motivo ele não consegue compreender. Isso só contribui para aumentar sua insegurança. É necessário fazê-lo entender que se está tentando ajudá-lo a se comportar para que ele não seja rejeitado socialmente.

### ***Lembre-se***

***Pessoas com síndrome de Down podem ter relacionamentos sexuais, e os têm.***

***Os homens normalmente não são férteis. As mulheres, sim.***

***Quando uma mulher com síndrome de Down fica grávida, ela tem 50% de probabilidade de ter um bebê com síndrome de Down.***

**Para compartilhar com a família**

Alguns filmes podem ser uma boa maneira de abordar a conversa familiar sobre sentimentos, desejos, encontros e desacordos amorosos que uma pessoa com deficiência vive.

Neste caso, recomendamos, por exemplo:

Quem ama Gilbert Grape? - Filme americano do ano de 1993 com Leonardo Di Caprio, que ganhou várias indicações ao Oscar por sua interpretação de um adolescente com deficiência intelectual.

Meu nome é Sam - É sobre um homem adulto com deficiência intelectual que assume a paternidade de uma menina. O filme narra, ao ritmo dos Beatles, as dificuldades que eles enfrentam quando, após 7 anos, a menina começa a ter mais capacidade intelectual que o pai. Ao mesmo tempo, o estado questiona a capacidade de Sam de educar filha. O filme nos faz refletir sobre o que é realmente necessário para a criação de uma criança.

Eu também - Filme espanhol, vencedor de vários prêmios em 2010.

Colegas – Três jovens com síndrome de Down fogem da instituição em que moram em busca de aventuras.

"Pipas no ar ... eu também quero voar." - Vídeo que coleta a experiência de educação sexual realizada por este programa com adolescentes e jovens com síndrome de Down. (Disponível com legendas em espanhol em:

<https://youtu.be/VBI9RXLzG84>

#### Recursos da Internet

Eu Me Protejo – material de educação inclusiva e acessível para prevenção do abuso sexual na infância – desenvolvido para uma menina com síndrome de Down, e expandido para Desenho Universal da Aprendizagem, para ser usado em escolas inclusivas com todas as crianças de 0 a 8 e também jovens com todo tipo de deficiência.

[www.eumeprotejo.com](http://www.eumeprotejo.com)

Uma experiência de “treinamento criativo” - Desenvolvida na Colômbia para preparar adolescentes e jovens com síndrome de Down (em espanhol).

Parte I <http://www.youtube.com/watch?v=USUE4zZzMBo>

Parte II [http://www.youtube.com/watch?v=Z0\\_AskFdnPw&feature=related](http://www.youtube.com/watch?v=Z0_AskFdnPw&feature=related)

Parte III [http://www.youtube.com/watch?v=B5t\\_T0EfmFM&feature=related](http://www.youtube.com/watch?v=B5t_T0EfmFM&feature=related)

#### ***Mamãe tem síndrome de Down***

***Existem cerca de 30 casos documentados no mundo de mulheres com síndrome de Down que deram à luz.***

**Uma delas é Gabriela, esposa de Fábio e mãe da pequena Valentina**

**A postura positiva da mãe de Gabriela, foi decisiva no desenvolvimento de sua filha. Apesar de, na infância, ter medo da água e de quedas, aprendeu a nadar e andar de bicicleta. Teve aulas de judô e chegou à faixa marrom. Fez balé. Na sua cidade, todo mundo sabe um pouco sobre sua história.**

**Em família**

**Valentina não herdou a deficiência intelectual de seu pai, Fábio, nem a síndrome de Down de sua mãe, Gabriela.**

**"A barriga de Gabriela está chutando!"**

**No meio de uma piada inocente e um pouco como fofoca, o estudante Fábio Marchete de Moraes, 28, deixou escapar que ele e sua parceira brincaram de "examinar" a barriga dela. Fábio não imaginava que aqueles chutes eram de um bebê em gestação.**

**Gabriela Andrade Demate, a garota da barriga, que tinha 28 anos, também não sabia.**

**Mesmo estando grávida, apesar de já estarem há três anos juntos, compartilhando o mesmo teto e a mesma cama, Fábio e Gabriela acreditavam que o sexo entre eles não era permitido. Seus pais nunca disseram explicitamente que concordavam que eles tivessem aquele tipo de intimidade. Gabriela tem síndrome de Down. Fábio tem deficiência intelectual.**

**Desconfiando do crescimento da barriga de Gabriela, uma amiga de Fábio decidiu falar com a mãe da moça. Um exame de gravidez comprado às pressas na farmácia não bastou para eliminar as dúvidas.**

**"Vi as duas barras no exame, mas não podia acreditar que minha filha estava grávida," diz Laurinda Ferreira de Andrade. "Eu levei Gabriela a três ginecologistas e nenhum me deu a garantia de que ela poderia ter o filho. Notei que ela estava ficando mais gordinha, mas eu pensei que estava apenas comendo muito."**

**A gestação avançada foi descoberta aos seis meses, gerando medo e muitas dúvidas na família. Até o nascimento prematuro de Valentina, passaram-se 60 dias "Foram os mais longos da minha vida", diz Laurinda. "Minha filha não tinha feito nenhum dos controles pré-natais que são recomendados desde o início da gravidez. Por causa da síndrome de Down, ela poderia ter problemas cardíacos Foi uma gravidez de risco".**

**Embora a inclusão de pessoas com deficiência na sociedade esteja longe de ser perfeita, Gabriela representa uma geração que vem desbravando caminhos inéditos. Quando ela nasceu, em 1980, não era muito comum**



**ver crianças com síndrome nas ruas da cidade de Socorro, Município de São Paulo, onde cresceu.**

**A desinformação - incluindo a dos próprios profissionais de saúde - perpetua mitos que a ciência já desbancou. Não é comum, mas sabe-se que mulheres com síndrome Down podem engravidar. "Em todo mundo, existem apenas cerca de 30 casos documentados de mulheres com síndrome de Down que tiveram filhos ", diz Siegfried M. Pueschel, geneticista do Hospital de Rhode Island, nos Estados Unidos, um dos principais estudiosos da síndrome.**

**Homens com síndrome de Down são quase sempre estéreis. Na literatura médica, existem apenas três casos documentados de homens com síndrome de Down que foram pais. Mas com as mulheres é diferente. "Um terço delas são férteis. Um terço ovula irregularmente. E um terço não ovula", diz o geneticista Juan Llerena, do Instituto Fernandes Figueira (Fiocruz). "Hoje, os jovens que têm a síndrome são mais expostos à vida social e à sexualidade. Muitos deles trabalham, têm amigos, se divertem. Antes não era assim, era muito comum ficarem reclusos em casa", diz Pueschel.**

*Extraído da Revista Época, setembro de 2008. Acessível em:*

*<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI11982-15228,00-MAMAE+E+DOWN.html>*

### **Jovens com deficiência auditiva**

Está provado que comunicação e linguagem são ferramentas inerentes à espécie humana. A principal característica de crianças e jovens com deficiência auditiva é que muitas vezes a linguagem e a comunicação se encontram limitadas.

As crianças surdas enfrentam mais limites não apenas pela deficiência auditiva, mas também porque encontram menos oportunidades de diálogo e menos motivação para se relacionar com as pessoas ao seu redor. O déficit auditivo não impede a capacidade de sinalizar e se comunicar.

A surdez geralmente afeta o desenvolvimento dos primeiros relacionamentos interpessoais quando a família deixa de proporcionar recursos de comunicação adequados. Um fato a se considerar é que, apesar de 90% das crianças surdas nascerem em lares de ouvintes (Allen, 1986), a maioria dos pais e mães não usa a língua de sinais.

O resultado disso é que muitas vezes a criança não adquire as habilidades sociais e emocionais necessárias para conviver com outras pessoas. Além disso, informações essenciais sobre questões da vida cotidiana são limitadas ou fragmentadas.

A linguagem de sinais é construída a partir do próprio corpo da pessoa, e com elementos do corpo: os movimentos, as formas das mãos, os gestos. As crianças e jovens surdos têm uma maneira visual de entender o mundo e as relações entre as pessoas.

Muitas vezes os sinais relacionados à sexualidade são "vistos" pelos ouvintes como "muito explícitos", pois envolvem "literalmente" tocar partes do corpo para poder comunicá-las. Esses aspectos são inerentes à cultura surda e também à maneira de tratar a sexualidade.

Da mesma forma, na medida em que os sinais são vistos por todos que compartilham o mesmo espaço físico, não há possibilidade de falar em segredo ou em voz baixa, como ouvintes fazem quando precisam tratar de algum assunto particular.

***As crianças e adolescentes com deficiência auditiva precisam receber informações sobre sexualidade e ter a possibilidades de conversar e refletir sobre relacionamentos de casal, sentimentos e o eles significam para cada pessoa.***

Tudo o que você quer dizer é visto. É difícil explicar para crianças as ideias de "privado", "segredo", "confiança" ou "intimidade". Lembre-se de que você precisará explicar esses conceitos mais de uma vez. Use sinais, gestos, figuras e palavras diferentes até você ter certeza de que seu filho entendeu.

Da mesma forma, sempre podem surgir problemas, angústia e confusão. É importante levar em consideração a necessidade de apoio neste campo, especialmente quando surgem situações ligadas a um relacionamento sexual que pode ser não consentido, possíveis infecções sexualmente transmissíveis ou gravidez.

É essencial que a família de uma criança ou adolescente surdo facilite o acesso a informações de saúde sexual e reprodutiva e garantir espaços onde possa acessar recursos de autocuidado e prevenção.

### **Para assistir em família**

Alguns filmes podem ser uma boa maneira de abordar a conversa familiar sobre sentimentos, desejos, encontros e desencontros amorosos que uma pessoa com deficiência vive.

Neste caso, recomendamos, por exemplo:

O piano - É um filme de 1993 sobre uma pianista que não fala e sua filha no século XIX. Conta a história de uma mulher escocesa cujo pai a vende para casar-se com um homem. Ela é enviada com a filha e seu piano para morar com ele na Nova Zelândia. Ele não diz uma palavra por anos, substituindo sua

voz pela música do piano, enquanto sua filha serve como tradutora de sua comunicação através da linguagem de sinais.

O milagre de Ana Sullivan (a vida de Hellen Keller) - Annie Sullivan chega na casa do Keller para assumir uma tarefa quase impossível: mostrar o mundo exterior a Helen Keller, uma menina de sete anos cega e surda há dezoito meses, devido a uma doença.

Recursos da Internet

A história de Romina, um breve relato de uma menina surda, em linguagem de sinais do Uruguai, desenvolvido em Rivera pelos Centros Cinenchufe e MEC

<http://www.youtube.com/watch?v=pt51WNcwx8o&feature=related>

Um excelente site com histórias em linguagem de sinais e outros materiais valiosos:

Instituto Nacional de Educação dos Surdos

<https://www.ines.gov.br/>

### **Crianças e jovens com deficiência visual**

Crianças com deficiência visual são privadas de algumas ferramentas que permitem aprender sobre diferenças sexuais, entender os códigos para interagir com outras pessoas e ajustar seus comportamentos, levando em consideração o que a cultura vigente considera apropriado.

A falta de conhecimento sobre a anatomia feminina e masculina pode causar insegurança, por exemplo, se o jovem não consegue explicar as mudanças em seu corpo quando a puberdade chega. Também podem achar que não sejam atraentes e duvidar do seu potencial para conquistar outras pessoas.

Muitas das formas de comunicar interesse sexual ou amoroso entre jovens têm características visuais (roupas, acessórios, insinuações). Isso coloca um/uma adolescente cego/a em desvantagem.

Por esse motivo, os pais desempenham um papel importante na formação da identidade desses jovens, oferecendo informações e apoio contínuo, tanto em questões relacionadas ao funcionamento do corpo, como nas habilidades interpessoais necessárias para entender sua sexualidade e se relacionarem com seus pares.

Crianças com deficiência visual têm grande capacidade de assimilar a informação e educação sexual que recebem. Para ajudá-los, é necessário fornecer-lhes materiais concretos, modelos em relevo e oportunidades para experimentar através do toque (ou braile) os aspectos da sexualidade e do corpo.

Mas acima de tudo, precisam escutar as histórias e relatos que seus pais e irmãos possam transmitir sobre o amor, sentimentos e a importância de uma sexualidade saudável e segura.

### **Para compartilhar com a família:**

Cinema e literatura são uma excelente maneira de começar uma conversa familiar sobre os sentimentos e a sexualidade de um adolescente cego. Existem excelentes recursos que podem ser acessados pela Internet. Muitos são livros narrados, que permitirão abordar tópicos como amor, casal ou diferenças e relações de gênero.

Ao contrário do que às vezes se pensa, o cinema não é proibido de crianças e adolescentes com deficiência visual. Existem cada vez mais propostas de filmes e vídeos com audiodescrição.

Esta técnica permite que pessoas cegas e com deficiência visual tenham acesso ao audiovisual. A audiodescrição substitui a falta de percepção visual (sobre a situação espacial, gestos, atitudes, paisagens, figurinos, enfim, detalhes que são essenciais para entender o desenvolvimento da narrativa) por descrições sonoras.

Da mesma forma, jovens com deficiência visual podem assistir a filmes se uma pessoa vidente narra para eles o que as imagens trazem nas cenas mais importantes. Uma recomendação de um filme para falar sobre sentimentos e sexualidade:

A cor do paraíso. Filme iraniano que conta o conflito entre um pai viúvo que quer reconstruir sua vida e um filho cego que atrapalha seus planos. Mohammad é um garoto muito sensível que está em pleno desenvolvimento da leitura sonora e uso do toque e é um grande amante da natureza. Apesar de ser uma pessoa adorável, seu pai acha que um o filho cego é uma complicação e um obstáculo na busca de uma parceira.

Eu não vou voltar para casa – filme sobre adolescente cego que descobre sua sexualidade na relação com um amigo.

### **Jovens com deficiência física**

As deficiências físicas são muito diversas. Porém, pode-se dizer que a maioria delas não impede que a pessoa desenvolva uma vida amorosa e sexual agradável e saudável.

A fantasia e a imaginação não são contidas, felizmente, por limitações físicas ou barreiras arquitetônicas.

No que diz respeito ao erotismo, os jovens com deficiência entenderão a importância de usar a fantasia para se divertir, administrar seu desejo, potencializar sua excitação e se sentirem donos de sua própria sexualidade.

Para muitos jovens que usam cadeiras de rodas (ou outro equipamento de assistência pessoal, como muletas, bengalas e outros), estes equipamentos são, de alguma forma, parte do de seu próprio corpo e espaço pessoal.

Por isso, existem algumas orientações e recomendações para tratar esses elementos de **uma** maneira que reforce o senso de intimidade corporal:

- Trate-os com o mesmo cuidado que você dá ao corpo seu filho em relação à higiene e ao contato físico.
- Não permita que outras pessoas descansem o pé na cadeira, toquem ou a mudem de lugar sem antes consultar o jovem.
- Ensine as pessoas próximas a respeitar a cadeira como parte do espaço privado do seu filho.

### **Para compartilhar com a família**

Alguns filmes podem ser uma boa maneira da família conversar sobre sentimentos, desejos, encontros e desencontros amorosos que uma pessoa com deficiência física vive. Neste caso você recomendamos, por exemplo:

Terapia de prazer: um belo filme que conta a história de uma enfermeira inexperiente, que deve cuidar de René, um homem com uma doença degenerativa complexa que tem um comportamento insuportável. René diz à jovem enfermeira que gostaria de fazer amor com uma mulher antes que sua doença progrida e ele não possa mais se relacionar. Depois de seu desejo ser cumprido, René se transforma e começa a se comportar de maneira amigável, o que surpreende a todos.

### **Jovens com paralisia cerebral**

A paralisia cerebral não é uma doença, mas uma condição que afeta músculos e, em alguns casos, os sentidos.\* A movimentação é geralmente mais difícil para um jovem com paralisia cerebral, já que os músculos podem se tensionar, restringindo os movimentos. Isso vai depender do tipo de paralisia cerebral: alguns são afetados mais levemente e outros com maior severidade.

Essas características são normais à sua condição e devem ser tratadas com naturalidade.

É comum encontrar jovens com paralisia cerebral que devido a sua dificuldade de fala emite sons que não são compreensíveis ou são desproporcionalmente altos, no esforço para se comunicar. Ensine outras pessoas a ouvi-las com atenção e seja paciente. Ensine, dando o exemplo, que é possível tratar crianças e jovens com paralisia cerebral da mesma maneira que qualquer outro: com cortesia e respeito.

## ***Algumas recomendações sobre como tratar crianças e jovens com paralisia cerebral***

- ***Lembre-se de que o ritmo e a pronúncia são diferentes do que está acostumado***
- ***Se você não entender, diga que tente novamente ou use outra maneira de comunicar o que deseja. Se for esse o caso, a comunicação pode ser facilitada para através de cartões, teclados, celular etc.***
- ***Não tente completar suas frases, aguarde o término.***
- ***Crianças e jovens com paralisia cerebral podem precisar de ajuda de vez em quando, por exemplo, para pegar alguma coisa. Nesse caso, é bom perguntar antes de oferecer ajuda.***

\* Existem três tipos de paralisia cerebral: espástica (quando a pessoa tem dificuldade em se mover ou seus movimentos são rígidos; a maioria das pessoas com paralisia cerebral tem esse tipo de distúrbio), atetóide (a pessoas tem dificuldade em controlar os movimentos e pode ter movimentos involuntários do corpo) e atáxicos (quando a pessoa tem problemas de equilíbrio, coordenação e percepção de profundidade; seus movimentos geralmente são instáveis). Algumas pessoas podem ter um ou mais desses tipos de paralisia cerebral. O mais comum é uma combinação de paralisia cerebral espástica e atetóide.

(Adaptado de

[http://kidshealth.org/parent/en\\_espanol/medicos/cerebral\\_palsy\\_eng.html](http://kidshealth.org/parent/en_espanol/medicos/cerebral_palsy_eng.html))

Há muitas pessoas com paralisia cerebral que podem fazer o mesmo tipo de atividades que todo mundo faz. Sua vida sexual pode ser satisfatória e completa. Também podem formar uma família, ser pais e mães.

Para compartilhar em família:

Alguns filmes que podem ser uma boa maneira de abordar a conversa em família de sentimentos, desejos, encontros e desencontros amorosos vividos por uma pessoa com deficiência. Neste caso você recomendamos, por exemplo:

Meu pé esquerdo. - Vida real inspiradora de Christy Brown (Daniel Day-Lewis), pintor, poeta e escritor irlandês com paralisia cerebral nascido em uma família muito pobre. Com o apoio de sua mãe, professora e sua própria tenacidade, derrubou todas as barreiras que impediam sua integração na sociedade, aprendendo a usar o pé esquerdo para escrever e pintar.

Na internet

Da Colômbia, o testemunho de um casal com paralisia deficiente cerebral e física sobre sua história de vida e a família que formam com a filha pequena.

No seguinte link:

<http://www.youtube.com/watch?v=EILmRQ9UD2g&feature=related>

### **Para finalizar**

A educação sexual não começa "um dia". Ela está presente desde o nascimento. Os jovens vão criando sua ideia de si próprios e de como desejar e ser desejados pelas atitudes de seu pais e irmãos.

A responsabilidade pela educação sexual não pode ser transferida para instituições educacionais. Todas as pessoas próximas da criança ou do jovem devem ser sensíveis às suas necessidades e desejos, tentando influenciar de uma maneira positiva.

Uma educação sexual é mais um meio do que um fim: o mais importante é o reconhecimento de que a formação de uma criança ou um jovem, seus sonhos, projetos e relações com seus pares, vão incluir também essa parte da vida.

Através do diálogo e reflexão sobre conhecimentos e sentimentos que a educação sexual traz, mães e pais podem ser um instrumento de inclusão e solidariedade para seus filhos e filhas com deficiência, contribuindo assim para uma vida justa e decente com saúde e prazer para todos.

---

PES - iiDi - UNFPA – UNICEF

Autor: Sergio Meresman

Design gráfico, layout e ilustrações: Denisse Torená

Este material foi preparado para o Programa de Educação Sexual da ANEP por Sergio Meresman do Instituto Interamericano sobre Deficiência e Desenvolvimento Inclusivo (iiDi) com a colaboração de Valeria Ramos (UNFPA) e Diego Rossi (Programa de Educação Sexual, ANEPCODICEN).

"Faz Parte da Vida: Material de apoio sobre educação em sexualidade e deficiência para compartilhar com a família "

Criado com o apoio de:

© UNFPA Uruguai,

© UNICEF Uruguai,

© Programa de Educação Sexual da ANEP-CODICEN,

© Nações Unidas, 2011.

© Parceria para o Desenvolvimento Infantil (Reino Unido) através do projeto "Escola para Todos", desenvolvido em conjunto com o Centro de Promoção da Saúde (CEDAPS) e o Instituto Interamericana sobre Deficiência e Desenvolvimento Inclusivo (iiDi).

Nesta adaptação brasileira os textos referentes à legislação foram substituídos por seus equivalentes no Brasil.

Atualização: Sergio Meresman

Tradução, atualização e adaptação: Patricia Almeida

Primeira edição: Montevideu, janeiro de 2012.

Os textos, desenhos e gráficos desta publicação não refletem necessariamente a opinião das Nações Unidas, nem da Administração Nacional de Educação Pública, nem de seus diversos subsistemas. Elas são responsabilidade exclusiva dos autores e do relator de parecer. Este documento é para distribuição geral. Ele reserva os direitos de autoria e as reproduções e traduções são autorizadas, desde que citada a fonte. Está vedado qualquer uso deste trabalho, suas reproduções ou traduções para fins de comerciais.

Na elaboração deste material buscou-se que a linguagem não invisibilize ou discrimine as mulheres e ao mesmo tempo que o uso repetido de "/ o", "/ a", "os e as", etc., não impedem a leitura.

---

Tradução Patricia Almeida

Revisão Fernanda Santana

Alguns trechos, referentes a recursos ou legislação argentina foram retirados da tradução.

Fonte:

[https://www.argentina.gob.ar/sites/default/files/esi\\_es\\_parte\\_de\\_la\\_vida.pdf](https://www.argentina.gob.ar/sites/default/files/esi_es_parte_de_la_vida.pdf)